

Veja todos os depoimentos, na íntegra, em expresso.pt/expresso2500



ELVIRA FORTUNATO
CIENTISTA

“A imprensa leva a ciência ao cidadão comum”

Quando é que o Expresso entra na sua vida?

Na adolescência, o Expresso entrava em minha casa todos os fins de semana. O meu pai era um leitor assíduo, e já nessa altura — há mais de 30 anos — o Expresso era volumoso. O meu pai, além de gostar muito de estar bem informado, tinha assim material para ler durante a semana inteira.

Mais recentemente, há uma memória que terá sido especial para si...

Exatamente. É uma capa que guardo com muito carinho. Fui capa do Expresso em 2008, a 26 de julho, quando ganhei a minha primeira ERC [European Research Council], um projeto de 2,25 milhões de euros e que foi um dos primeiros em Portugal.

Qual a importância de a imprensa destacar a ciência?

Nós vivemos de projetos, na investigação científica, mas quando os ganhamos e isso passa para as notícias há um reconhecimento acrescido. Esse facto é extremamente gratificante, porque não só o meio científico nos reconhece como surge a possibilidade de a ciência chegar ao cidadão comum. Percebe-se que os impostos que todos pagamos acabam também por ser investidos na ciência. E que há retorno.

O jornal faz parte da sua rotina?

Não tanto como eu gostava, porque nos últimos tempos as minhas leituras são muito mais leituras científicas, teses de mestrado e teses de doutoramento. Mas sou consumidora. Se calhar, não leio [o semanário] todas as semanas, mas também há a versão online.

Qual é a diferença na experiência?

Eu ainda sou um bocado conservadora. Gosto de ler em papel. Se calhar, é por isso que também trabalho em papel, uso o papel para eletrónica e para outras coisas. Mas isto tem a ver com a geração, porque a minha filha só lê no digital. Como fui habituada ao papel, acho que a mesma a notícia tem mais impacto em papel do que no digital. O papel cativa-me mais a atenção.

Resumindo o Expresso numa palavra...

Liberdade. Acho que a palavra liberdade acaba por dizer tudo.

O Expresso é importante para o jornalismo em Portugal?

Claro que sim. É uma referência, e espero que se mantenha no futuro com o mesmo nível e qualidade. / **JOÃO MIGUEL SALVADOR**



JOÃO MIGUEL TAVARES
COMENTADOR POLÍTICO

“O saco mostra a força da marca”

Quando é que o Expresso o agarrou?

Passo a comprar o Expresso semanalmente já numa fase da minha vida profissional. É muito difícil retratar a vida noticiosa portuguesa sem passar pelo Expresso. Tem o mérito de ter sido o jornal que permaneceu e que se tem sabido renovar de uma forma muito hábil. [Mesmo] com muitas polémicas que há em todos jornais, há um desejo de independência que se mantém, uma exigência e qualidade editorial que vem do facto de a Impresa ser um grupo empresarial que tem de dar dinheiro. E hoje é um jornal com um cuidado gráfico assinalável, e isso é uma mais-valia do papel. Quando falamos do Expresso continuamos a falar do semanário.

O Expresso ajuda a mostrar a mais-valia do papel?

Hoje todos temos telemóveis e recebemos aquela avalanche de pushes, e é importante ter um jornal que faça um resumo sofisticado do que foi a semana. As *hard news* chegam através da internet mas depois são transformadas num produto em que dá gosto pegar e ler. Continua a manter-se aquela mística de ter de se ver qual é a manchete do Expresso.

E há o saco de papel...

O saco de papel mostra a força da marca: dá-se ao luxo de não mostrar a manchete às pessoas. Mostra a segurança que o Expresso tem. Diria que hoje está numa posição solitária no mercado... precisa de concorrência!

Há alguma entrevista ou reportagem que o tenha marcado?

Lembro-me de uma reportagem incrível que o Expresso fez com um primo do [José] Sócrates que tinha saído de Portugal na sequência do caso Freepport e ido parar ao Tibete. É uma prova de bom jornalismo: alguém que se deu ao trabalho de ir lá encontrar alguém que tinha ido parar ao meio dos monges.

Se fosse diretor por um dia que temas gostaria de ver abordados?

O escrutínio do poder político é essencial e há um trabalho gigantesco a fazer aí. Precisamos de chatear muito mais o poder do que aquilo que chateamos, e isso vale para todos os meios de comunicação. Os profundíssimos problemas do país precisam de ser abordado com mais... precisão. / **BERNARDO MENDONÇA**



MATILDE CAMPILHO
ESCRITORA

“Gosto da relação com o senhor dos jornais”

Qual é a primeira memória do Expresso?

Não chega bem a ser uma memória clara, mas é uma memória que me contaram: a minha mãe trabalhou como secretária no Expresso e isso coincidiu com o tempo em que eu estava dentro da barriga. E lembro-me de quando o jornal era quase maior do que eu. Hoje continua a ser muito grande e dá muito gozo de ler pelo tamanho que tem. Quando se pega num jornal assim já se sabe que é para perder tempo com ele. Pode-se espalhá-lo na mesa.

Prefere o Expresso em papel ou digital?

Sou muito do papel. Aliás, das coisas que me fez alguma confusão logo no princípio da pandemia foi saber se podia ou não sair para comprar o jornal.

Rapidamente percebi que podia e que isso me fazia bem, não só à minha sanidade, o caminho até lá, como poder continuar a ter informação. Em jornais de fim de semana dá-me muito gozo o ritual de acordar ao sábado de manhã e dirigir-me ao sítio onde compro sempre os jornais.

É fiel a determinada banca?

Gosto muito de ter uma relação com o senhor ou com a senhora da banca dos jornais, onde quer que viva. Houve uma altura em que vivia no Brasil e tinha isso no Rio, de ir sempre à mesma banca. Antes de viver em Lisboa também. E ainda hoje é sempre no mesmo lugar que a família inteira compra os jornais, que acabam por fazer esses pontos de ligação muito humanos.

Há uma palavra que resuma o jornal?

Ligações, agora que falei nisto. Ajuda-me a fazer ligações com o mundo lá fora, seja com política internacional, com as questões que se passam cá dentro ou com as várias opiniões que podem ligar-se umas às outras ou não.

O lado da opinião cativa-a?

Gosto muito, até de ler primeiro alguém de quem geralmente discordo. Gosto de sair fora do meu espaço de segurança. E o Expresso tem isso.

Continua muito focada na leitura?

Eu gosto muito da leitura. Sempre me ajudou muito ao meu trabalho saber as coisas claras, como elas são, e depois poder misturá-las com a ficção. Para essa mistura também poder acontecer, para deixar entrar na imaginação, eu preciso de tempo. E o formato em papel dá muito mais tempo. / **J.M.S.**